

Pescadores artesanais da praia da Penha – PB: novos paradigmas.

Lidyane Lima Silva¹; Maristela Oliveira de Andrade²

RESUMO

O pescador artesanal ao longo de sua formação profissional aprende que o seu maior dever é respeitar e preservar o ritmo natural do mar, pois de posse de todos os conhecimentos sobre o ritmo de reprodução das espécies e os mecanismos de manutenção do equilíbrio ambiental, que se acumulam em sua mente como aprendizado ao longo das experiências das pescarias, ele sabe que não faltará alimento na mesa, se continuar a respeitar a natureza. Assume assim, uma postura ambiental muito divergente dos grandes empreendimentos pesqueiros que operam na busca de altas taxas de lucro, o que exige a captura intensiva, altamente predatória. Em virtude disso, realizamos uma caracterização sócio-econômica da comunidade pesqueira tradicional da praia da Penha/PB. Objetivando aquisição de maior conhecimento quanto ao seu modo de organização e seu interesse em participar de uma aquicultura experimental, como forma de melhoria de qualidade de vida.

Palavras-chave: Pescador artesanal, Papéis sociais, Comunidade.

Craft of the beach fishermen Penha - PB: new paradigms.

ABSTRACT

The fisherman throughout his training he learns that his greatest duty is to respect and preserve the natural rhythm of the sea, for the possession of all knowledge on the rate of reproduction of the species and the mechanisms for maintenance of environmental balance, which accumulate in your mind as long learning from the experiences of fishing, he knows he will not miss food on the table, if you continue to respect nature. Assume thus a very divergent environmental attitude of the great fishing ventures operating in the pursuit of high profit rates, which requires the capture intensive, highly predatory. As a result, we conducted a socio-economic status of the traditional fishing community beach Penha / PB. Aiming to acquire more knowledge about their mode of organization and their interest in participating in an experimental aquaculture as a means of improving quality of life.

Keywords: Fisherman, Social roles, Community.

1 INTRODUÇÃO

A exploração do mar evoluiu com o homem e em virtude disso, tornou-se objeto de séria preocupação no que se relaciona à imposição de limites quanto à captura de espécies, objetivando-se evitar o seu esgotamento, daí o estabelecimento de normas de controle para tentar impedir de se atingir níveis de difícil reversão nos estoques naturais de peixes.

O pescador artesanal ao longo de sua formação profissional aprende que o seu maior dever é respeitar e preservar o ritmo natural do mar, pois de posse de todos os conhecimentos sobre o ritmo de reprodução das espécies e os mecanismos de manutenção do equilíbrio ambiental, que se acumulam em sua mente como aprendizado ao longo das experiências das pescarias e das “aulas” dadas pelos pescadores mais experientes, ele sabe que não faltará alimento na mesa, se continuar a respeitar a natureza. Diferentemente dos grandes empreendimentos pesqueiros que operam na busca de altas taxas de lucro, o que exige a captura intensiva, altamente predatória.

O crescente aumento na utilização dos recursos pesqueiros provocou uma diminuição nos estoques, proporcionando um rápido desenvolvimento na aquicultura, a qual consiste segundo Stickney (1979), na criação de organismos aquáticos em condições controladas ou semi-controladas, dando-se prioridade aos animais que podem ser utilizados para alimentação humana, para suprir as carências do extrativismo. Em virtude da extração descontrolada deste recurso, boa parte do pescado, crustáceos e moluscos, que circulam no mercado internacional é oriunda de viveiros intensivos, nos quais é possível realizar a manipulação de quase todas as variáveis biológicas e físico-químicas que se encontram envolvidas no desenvolvimento destas espécies (RIBEMDOIM, 1999).

Atualmente, esta prática se depara com o desafio de adequar-se ao conceito da sustentabilidade (MAIA JR, 2003) que envolve a dimensão social, significando a necessidade de expandi-la para as comunidades pesqueiras tradicionais. Esta pesquisa em particular

envolveu o conhecimento do melhor tipo de alimento a ser ofertado em cada fase do ciclo de vida da espécie cultivada, a fim de obter um máximo em eficiência produtiva e uma redução nos custos da produção. Em paralelo a isso, considera-se necessário desenvolver estratégias que unam a produção em cativeiro com as necessidades das comunidades pesqueiras, que sobrevivem, principalmente da extração do recurso do ambiente natural.

A Instrução Normativa 005/2004, o Ministério do Meio Ambiente (2004) tornou pública uma listagem das espécies ameaçadas de extinção que, em virtude do acentuado declínio populacional, não podem mais ser pescadas. Nesta lista encontrava-se a cioba (*Lutjanus analis*), a qual é largamente consumida. Numa tentativa de evitar a inclusão do ariacó (*Lutjanus synagris*), espécie do mesmo gênero, na lista de espécies em extinção e sujeita a proibições de pesca, foi proposta a realização de ensaios preliminares sobre a viabilidade e aceitabilidade por uma comunidade pesqueira tradicional (Comunidade Pesqueira da Praia da Penha/PB) do cultivo desta espécie marinha. A espécie cultivada faz parte do mesmo gênero e compartilha características semelhantes com a cioba, e em virtude disso, acredita-se que esta espécie passará a ser mais pescada, uma vez que seus estoques naturais encontram-se bem mais abundantes. Atualmente, já é largamente capturada por pescadores artesanais. Com o objetivo de otimizar o manejo dessa espécie espera-se propor o desenvolvimento de técnicas de piscicultura como alternativa econômica para a comunidade de pescadores da Praia da Penha-PB. Neste sentido, o trabalho extrapolando a esfera experimental do estudo, buscou conhecer a realidade da comunidade e sua experiência pesqueira visando avaliar a viabilidade de introdução futura da piscicultura junto a ela.

Pescadores Artesanais

Um dos aspectos mais fortes da pesca artesanal é a autonomia que os pescadores exercem sobre o produto que extraem do mar. Ao se investigar algumas características da atividade pesqueira artesanal, podem-se distinguir tipos diferentes de pescadores e

conseqüentemente, diferentes formas de produção (MALDONADO, 1986).

Conceitualmente, pescador artesanal é todo aquele que exerce a pesca e destina uma parte do pescado para a subsistência de sua família, e a outra parcela para a venda a terceiros (DIEGUES, 1999). Este tipo de atividade, ao contrário da industrial, preocupa-se em manter-se em equilíbrio com os limites impostos pelo ecossistema, a fim de exercer uma baixa pressão nesta prática, como também em função de toda a heterogeneidade e incertezas oriundas do meio (DIEGUES; SALES, 1988). A prática da pesca artesanal é uma atividade muito menos impactante ao ambiente natural, já que a mesma está fundamentada em técnicas primárias de captura de espécies de maior seletividade. Busca-se a captura apenas de uma espécie por vez, com um índice menor de predação (CARDOSO, 2000).

De forma genérica a categoria composta pelos pescadores artesanais sempre foi vista e tratada como um grupo social divergente dos padrões sócio-culturais da sociedade dominante e, isso ocorre em virtude da maneira como eles tratam e usufruem do Meio Ambiente (MELO, 2006). São, portanto, designados como populações tradicionais, as quais, segundo Diegues e Arruda (2001), apresentam elementos constituintes de grupos culturais e historicamente diferenciados que perpetuam sua maneira de viver, seja de uma forma mais isolada ou menos, onde predominam a cooperação social e o manejo sustentável do Meio Ambiente. Ainda segundo estes autores, os tipos de saberes tradicionais de cada comunidade pesqueira resultam de décadas de evolução e coexistência entre a comunidade e o mundo circundante. Comunidades caracterizadas por seu relativo isolamento tais como os pescadores, apresentam-se como detentoras de um elevado conhecimento prático sobre os organismos que manejam, seja em decorrência das informações passadas tradicionalmente de geração a geração, seja em função da elevada prática diária de trabalho (GADGIL et al., 2003 *apud* BEGOSSI et al., 2002).

Internamente, os pescadores constroem uma forma de associação denominada de colônia de pescadores, que foram estruturadas desde 1919. Esta organização foi proposta e

desenvolvida pela Marinha, a fim de relacionar os pescadores e as comunidades pesqueiras para eventuais requerimentos bélicos. Atualmente existem aproximadamente 600 colônias de pescadores no Brasil, contudo não se sabe precisamente estimar quantos pescadores encontram-se registrados nelas, pois a forma de controle atualmente empregada é bastante precária. Apesar da existência de um campo de estudo com um número significativo de contribuições, este trabalho representa um esforço no sentido de oferecer aos olhos da comunidade científica um breve estudo sobre os elementos sociais de altíssimo valor, seja ele, cultural ou social para o manejo do Meio Ambiente, a fim de conscientizar, que estes grupos são sim, talvez, os maiores aliados para promover a conservação e o respeito pelo ambiente natural, já que há séculos retiram dele seu sustento.

A organização do trabalho nas comunidades pesqueiras

Em sua grande maioria os grupos artesanais de pescadores apresentam-se com uma rigorosa divisão de trabalho, mantendo desta forma traços tradicionais em suas relações sociais internas. Normalmente, os homens saem para as pescarias e as mulheres ficam responsáveis pelas atividades domésticas, criação dos filhos e da realização da pescaria de mar raso (arrastos, catar ostra, etc). Uma das tradições mais respeitada, e ainda mantida nas comunidades, é a que a mulher não pode fazer parte de uma tripulação de pescaria de alto (alto mar), ficando restrita a outras atividades de terra. Em alguns países já se observa a presença de mulheres em frotas industriais, por exemplo, na frota soviética, onde as tripulações são mistas, porém, não se tem registro de tal fato em circunstâncias artesanais (DIEGUES, 1983). Atualmente as mulheres vêm se organizando e se registrando como “pescadoras” nas colônias de pescadores, podendo dessa forma usufruir os direitos trabalhistas assegurados por lei, como também legitimam a ocupação do espaço a tantos anos utilizado e nem sempre reconhecido.

Caracterização da Comunidade de Pescadores Artesanais da Praia da Penha/PB

A zona costeira paraibana possui aproximadamente 138 km de extensão

(CARVALHO, 1982). Historicamente a ocupação da praia da Penha data, aproximadamente, do ano de 1900, por pescadores que ali se fixaram. A comunidade local fixa é formada basicamente por pescadores artesanais e pequenos comerciantes. Segundo dados do IBGE (2000) residem aproximadamente 773 habitantes nesta localidade. Número que é plenamente alterado na época das férias, onde as grandes e luxuosas casas de veraneio recebem seus proprietários. Um importante acontecimento local é a Festa da Penha, que é considerado um dos maiores eventos profano-religioso do litoral paraibano, e tem a duração de nove dias. Os moradores locais consideram tal evento um marco para a sobrevivência da comunidade. A praia da Penha desde 4 de setembro de 1998 é reconhecida como Bairro da Penha de acordo com a lei municipal nº 1.574. Apesar do reconhecimento público da área para ações de interesse social, este bairro sofre vários problemas de infraestrutura. Os pescadores da praia da Penha são constituídos por 60 famílias estão distribuídos em três grandes aglomerados no bairro: A vila dos pescadores, o aglomerado da praça Oswaldo Pessoa, onde se encontram bares, escolas (uma municipal e uma estadual) e onde se localiza o santuário da Penha; e o aglomerado beira-mar, que é formado por uma pequenina vila de pescadores e pelos bares às margens da praia.

2 METODOLOGIA

A pesquisa teve início com um levantamento das informações disponíveis sobre o objeto de estudo, material impresso, digitalizado e de valor histórico. Por tratar-se de uma pesquisa de cunho qualitativo com um viés antropológico, em um primeiro momento foram privilegiados autores como Paul Thompson (1992), Simone Maldonado (1993), Roberto Cardoso de Oliveira (2000), Luis da Câmara Cascudo (1983), entre outros. A técnica determinada para a coleta destas informações sociais foi a “entrevista estruturada” (GIL, 1999), composta por 32 questões (questionário dos pescadores) e 14 questões (questionário das pescadoras). Anterior à aplicação total destas entrevistas, foi realizada uma aplicação-piloto para permitir a inserção de possíveis ajustes nos

questionários com 10 (dez) pessoas da comunidade.

Coleta de Dados

Das 60 famílias de pescadores que residem na praia da Penha 20 foram escolhidas, aleatoriamente, para participar da pesquisa. A aplicação dos questionários ocorreu separadamente, primeiramente com os pescadores, num segundo momento com as pescadoras. Em diversos momentos as entrevistas assumiram um tom de conversa, que só era alterado quando se mencionava as dificuldades financeiras e sociais que existem na localidade. A separação da aplicação dos questionários possibilitou a identificação de pontos divergentes e convergentes entre os membros masculinos e femininos da comunidade, uma forma de constatar como as mesmas situações poderiam ser encaradas de formas diferentes. Também como parte do levantamento de dados, em combinação com a abordagem qualitativa, foi realizada observações diretas, participação de atividades diárias, levantamento fotográfico e conversas informais com vários membros da comunidade, pescadores (as) ou não.

Resultados

Questionários dos Pescadores

A partir dos dados obtidos através do perfil socioeconômico dos pescadores da Praia da Penha pôde-se observar que a maioria dos entrevistados, 70% encontra-se na faixa etária que abrange dos 21 aos 40 anos e que embora haja uma diminuição quantitativa quando se isola a faixa etária que abrange dos 21 aos 30 anos, 25%, observa-se que mesmo de uma forma mais sutil, esta prática continua sendo importante na comunidade, pois alguns jovens lutam pela sua melhoria e pela oportunidade de voltarem a viver apenas do que se é retirado do mar. São profissionalmente ativos e em sua maioria exercem uma segunda atividade numa tentativa de complementação da renda mensal. Quando indagados se sempre trabalharam unicamente com a pesca, 65% dos pescadores entrevistados afirmaram que sim e que desta tiravam (tiram) o sustento de suas famílias.

Com relação ao tempo que estão trabalhando com a pesca a maioria atua a mais de 10 anos, neste período relataram que já

fizeram de tudo, pois um bom pescador aprende todas as funções para poder garantir a sua segurança e a dos demais colegas no barco. Em geral, independente dos anos de pescaria, trabalham de 5 a 7 dias por semana, “*quando o tempo está bom*”. No verão chegam a passar até 15 dias no mar, mas não conseguem trazer a mesma quantidade de pescado de anos atrás. Comentam e justificam as dificuldades de pescar, atribuindo a diminuição dos estoques pesqueiros ao grande número de embarcações no mar que fazem uso de equipamentos inadequados e proibidos, captura de indivíduos jovens e em período de desova e também às grandes empresas, que realizam arrasto de grandes extensões, o que culmina na mortandade de um alto número de espécies que não são utilizadas para revenda ao consumidor, já que está abaixo do peso exigido pelos comerciantes. A renda mensal média alcançada por estes pescadores é em torno de um salário mínimo. A mesma é complementada por atividades paralelas e pela companheira, quando existente.

Cotidianamente, possuem um modo de vida muito simples, beirando às vezes, os primórdios das sociedades e, por diversas vezes, a impressão que tal localidade passava era a que estava imersa em outro ritmo de vida, noutras prioridades e buscas. Mesmo com os estímulos externos, a vida na comunidade possui outro ritmo.

Quanto ao nível de escolaridade destes profissionais, o predomínio é do ensino fundamental incompleto. A impossibilidade de conciliação (estudo-trabalho) fundamenta-se no fato de passarem longos períodos no mar, o que acarreta sempre num déficit para o aluno-aprendiz de pescador. Mas, mesmo com uma baixa escolaridade, são indivíduos que possuem um bom grau de esclarecimento no que diz respeito aos seus direitos, principalmente, os trabalhistas e às políticas desenvolvidas na esfera da pesca. São conscientes quanto às necessidades de sua comunidade e questionam as gestões da associação dos pescadores quando não procuram por melhorias para categoria. São também informados e conscientes das proibições e listas de espécies em extinção do IBAMA, contudo, isso não significa dizer que são obedientes às mesmas.

Do total de indivíduos entrevistados 80% mostraram-se bastante interessado em participar do cultivo do ariacó (*L. synagris*), os demais não manifestaram entusiasmo com a possibilidade de prática de piscicultura local. Os interessados em participar de um cultivo possuem a consciência que, desta forma, seria mais benéfico para o Meio Ambiente, já que não mais estariam a retirar de forma contínua e desordenada o pescado, o que culmina na redução cada vez maior dos estoques naturais. Os pescadores mais velhos expressaram um maior interesse, pois sabem que se trata de um trabalho que exige menos fisicamente e que a rentabilidade é fixa e não variável às condições do tempo. Acreditou ser de importância considerável a investigação quanto à viabilidade de cultivo do ariacó (*L. synagris*), pois se tratando de um peixe vermelho e de sua aceitação no mercado consumidor, o cultivo, uma vez implantando, seria fonte de muitas melhoras na comunidade pesqueira local. Atualmente dentre as espécies mais predadas na localidade estudada, destacam-se a cioba e a cavala, conforme dados fornecidos pelo questionário. Estas espécies possuem bons valores de venda, são bem recebidas e de apreciado sabor.

Questionários Femininos

Quanto ao perfil feminino observou-se que estas se encontram predominantemente na faixa etária que abrange dos 21 aos 40 anos, todas possuem como ocupação principal o lar, ou seja, são donas de casa. Mas, já exerceram várias atividades externas, indo desde babá até vendedora de lojas, isso antes da formação da família (companheiro fixo e filhos). Atualmente exercem algumas atividades externas de forma esporádica que, geralmente, se limitam a práticas como faxinas em casa de família, a fim de complementar a renda mensal da casa. Contudo, se dividem entre a educação dos filhos, o lar e a pescaria, pois em sua maioria são pescadoras registradas e ativas. Tentam garantir uma alimentação mais diversificada e rica em nutrientes para sua família, a partir das suas pescarias de mar-raso, é para elas uma forma de contornar as dificuldades financeiras enfrentadas. Mesmo sendo registradas na associação de pescadores da colônia a qual fazem parte, não praticam a pescaria como

atividade profissional diária. De acordo com o que foi observado neste período de convivência, tudo que é feito visa à complementação da renda familiar, o cuidado com os filhos e com o bem estar geral da família.

Com relação à escolaridade a maioria concluiu o ensino fundamental e isso demonstra que em comparação aos homens, mesmo em situações mais precárias, as mulheres conseguem estudar mais. Elas vêm nos estudos a oportunidade de conseguir um emprego fora e assim tentar garantir uma melhoria na condição de sua vida.

Oficialmente, predomina o estado civil de “solteira”, mas todas as que se apresentaram como tal, possuíam um companheiro fixo, morando na mesma casa e tendo filhos em comum. Na comunidade é comum a relação informal de casamentos, principalmente entre os mais jovens, elas alegaram que assim é mais “*fácil de resolver as coisas*”. As mulheres conquistam diariamente mais espaços, mais poder de decisão e maior autonomia. Isto é bem visto, principalmente entre os casais mais jovens, que como a maioria dos casais, combina e compartilham as glórias e incertezas da vida a dois.

3 DISCUSSÃO

O quadro geral do perfil obtido através da aplicação dos questionários com os pescadores artesanais da praia da Penha é similar aos de outras localidades brasileiras. Como pode ser observado, possuem condições precárias de moradia, educação, saneamento e trabalho. Ao longo dos últimos anos as condições de infra-estrutura básica vieram sendo lentamente melhoradas, mas muito ainda falta fazer por esta comunidade. De maneira geral, estas comunidades pesqueiras são ignoradas pelo poder público, em virtude do fato que a legislação que incide sobre as mesmas se caracterizar como elitista e excludente (MELO, 2006).

A colônia de pescadores da praia da Penha se sente bastante desprivilegiada com relação à atuação dos políticos em sua localidade. Alegam que são lembrados apenas durante o período eleitoral. Os pescadores da praia da Penha queixam-se da presença de

navios estrangeiros na costa paraibana, mais especificamente, em virtude da utilização de equipamentos modernos que auxiliam na localização dos cardumes, como também, do fato de realizarem arrastos de milhas de comprimento, que resulta numa extração desordenada e danosa para o ambiente.

Após prévios esclarecimentos obtidos através de outras pesquisas realizadas nesta localidade, observou-se que os números sofreram alteração quanto à responsabilidade pelo declínio dos estoques pesqueiros naturais. Melo (2006), apresenta que 80% dos pescadores apontavam os fatores antrópicos como responsáveis. Atualmente, nesta pesquisa, alcançou 90%, indo dos mais experientes até os mais novos na atividade. Tal acréscimo é muito significativo, pois mostra que está sendo feita uma conscientização geral e gradual da situação natural dos estoques pesqueiros. Entretanto, a pesquisa continuou a se defrontar com uma pequena parcela que não associa a ocorrência de diminuição nos estoques, alegando apenas que os peixes “estão mudando de lugar”. Tal resposta pode se enquadrar na explicação de D’Antona (2000), que apresenta uma confiança incondicional do pescador na natureza, ou seja, ele não crê que o “produto” possa vir a se esgotar; outro comportamento é que atribui à natureza, a ciclagem de maior ou menor oferta, a qual pode ser resultante das próprias alterações naturais do ambiente. Tal comportamento foi verificado em pescadores artesanais da Califórnia, os quais defendem que a participação humana na diminuição dos estoques pesqueiros é secundária, sendo a própria natureza a principal responsável (MELO, 2006).

Com relação à prática de cultivo de organismos marinhos, os pescadores da praia da Penha mostraram-se conhecedores do assunto e interessados em realizá-la na localidade, pois isso implicaria em aumento de renda, melhoria das condições de trabalho e maiores oportunidades. Quanto ao peixe ariacó (*L. synagris*) todos o conhecem bem, sabendo quais as melhores épocas de pesca, locais onde buscá-los e também da sua alta aceitabilidade pelo mercado consumidor, uma vez que se trata de um peixe vermelho, muito apreciado e de significativo valor comercial. Pelo exposto acima, acreditaram que se possível, o cultivo

seria muito proveitoso para esta localidade, do ponto de vista social e econômico. Durante o período de experimentação na praia, os pescadores, sempre que solicitados, participaram das atividades com interesse e curiosidade.

O resultado obtido com a experiência do cultivo de ariacó, por se tratar de um peixe de topo de cadeia alimentar (predador) e este possuir um índice de crescimento bastante lento, mais lento que a hipótese do início do experimento, não permite ainda recomendar a sua exploração prática senão em micro escala. Novos estudos em tanque-rede são necessários para se reavaliar a viabilidade econômica, imediata. Os investimentos serão relativamente altos (equipamentos, mão-de-obra auxiliar, etc) e o retorno lento. Em contrapartida, outras espécies de maior eficiência podem vir a ser uma opção para estes pescadores iniciarem sua produção, dentre as quais se pode citar o robalo (*Centropomus paralellus*), espécie mais amplamente estudada e de melhor resposta em condições de cativeiro.

Outra possibilidade para a melhoria da qualidade de vida desta comunidade poderia ser a inclusão do beneficiamento do pescado, o que permitiria a estes profissionais, agregar valor a sua mercadoria de venda e seu público alvo. Também, seria uma opção o incentivo e a realização de trabalhos manuais artesanais pelas mulheres e jovens da comunidade, desenvolvendo uma especificidade local que atraísse os turistas.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; SILVANO, R.A.M. *Ecologia humana, etnoecologia e conservação*. In: Amoroso, M.C.M.; Ming, L.C.; Silva, S.M.P (eds). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Seminário de etnobiologia e etnoecologia do Sudeste. UNESP, Rio Claro, São Paulo. 2002.
- CARVALHO, M. G. R. F. *Estado da Paraíba: Classificação Geomorfológica*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB. 1982. 72p.
- CASCUDO, L. C. *História da Alimentação no Brasil*. Belo horizonte. Ed. Itatiaia, 1983. 392 p.
- CARDOSO, R. O. *O trabalho do Antropólogo*. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000. 220 p.
- CUNHA, L. H. O. *Saberes Patrimoniais Pesqueiros*. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente. N.7. 2003. p. 69-76.
- DIEGUES, A. C. *Human population and coastal wetlands: conservation and management in Brazil*. Ocean and Coastal management, v. 42. 1999. p. 187-210.
- _____; R. SALLES (orgs.). *Ciências Sociais e o Mar no Brasil*. II Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil, São Paulo, NUPAUB-USP. 1988.
- _____. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*, São Paulo, Ática. 1983.
- _____.: ARRUDA, R. S.V (Org). *Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Universidade de São Paulo (USP). 2001. 176p.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5ª ed. São Paulo. Atlas. 1999.
- LOPES, I. A. C. *Memória Feminina: Cultura e sociedade na comunidade da Penha*. Monografia Graduação. Universidade Federal da Paraíba. 2000. 63 p.
- MALDONADO, S. C. *Mestres e Marés: espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: Annablume, 1993.
- MALDONADO, S. *Pescadores do Mar*, São Paulo, Ática. 1986.77 p.
- MELO, R.S. *Planejamento turístico-recreativo dos ambientes recifais das praias do Seixas, Penha e Arraial (PB)*. Dissertação Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. 2006. 160 p.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, R. C. *O Trabalho do Antropólogo*. 2ª ed. Brasília. Paralelo 15. São Paulo. UNESP. 2000. 220 p.

QUINAMO, T.S. *Pesca Artesanal e Meio Ambiente em Áreas de Manguezais: o caso de Itapissuma, no complexo estuarino-costeiro de*

Itamaracá, Pernambuco. Dissertação Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. 2006. 183 p.

THOMPSON, P. *A Voz do Passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

1 - Estudante lidyanel@gmail.com

2 - Professora Doutora do Departamento de Ciências Sociais/UFPB – Vinculada ao PRODEMA/UFPB.